

Espaços domésticos privados e pessoais

António Baptista Coelho

As temáticas associadas e associáveis à matéria geral dos espaços domésticos privados e pessoais são extremamente amplas e tão sensíveis como significantes; portanto, não queremos correr o risco de dar a ideia de as irmos tratar, aqui, de forma exaustiva, iremos sim desenvolver, de seguida, uma reflexão geral e informal sobre o tema, aproveitando a oportunidade de o fazer antes de passar a uma viagem sobre o leque tipológico em que eles se disseminam, e tentar deixar algumas reflexões e ideias como pistas para posteriores incursões teórico-práticas; sendo que se procura que tudo isto seja feito numa perspectiva de inovação sustentada no tratamento da temática.

Tendo dito isto, importa, agora, clarificar o que se pode entender por “espaços domésticos privados e pessoais”, uma caracterização mais espacial/ambiental do que tipológica, e que se refere a todos aqueles espaços domésticos – especificamente compartimentados ou espacial/ambientalmente definidos (podem ser apenas parcialmente definidos – que têm tendencialmente um uso/apropriação privilegiando uma pessoa, um pequeno conjunto de pessoas

(ex., irmãos), ou um casal, estando, assim, definidos, um pouco por contraste relativamente aos espaços domésticos com características tendencialmente ao serviço de todo o agregado familiar e conviviais, no sentido de poderem integrar reuniões mais alargadas, e ainda aqueles espaços que funcionalmente servem todo o agregado familiar, como será o caso das circulações e espaços de entrada na habitação, das arrumações gerais domésticas e das casas de banho de serviço comum.



Fig. 01

Naturalmente que uma tal definição pode ser sempre discutível e pode ser encarada de forma limitada, quando queremos imbuir no espaço doméstico um sentido de expressiva adaptabilidade, concretizado em zonas que possam, eventualmente, mudar, radicalmente, de atribuição funcional ao longo do tempo (ex., quarto de dormir que se transforma em sala e sala que se converte em grande quarto de dormir e trabalhar).

No entanto uma expressiva caracterização de privacidade visual e ambiental, relativa ou quase total autonomização e capacidade de apropriação e identidade deve sempre marcar os espaços domésticos mais ligados a um uso pessoal exclusivo ou por um muito pequeno grupo de habitantes (ex., casal).

São, designadamente, os seguintes os diversos tipos de espaços domésticos pessoais e personalizáveis de que aqui “falaremos”, caso a caso, em próximas edições:

- Quartos
- Espaço de lazer/trabalho
- Pequenos escritórios e espaços de trabalho profissional em casa
- Outros espaços privativos e diferenciados
- Recantos vários
- Alcovas em espaços domésticos comuns

E desde já se regista que esta lista não é fixa, pois à medida que iremos mergulhando na matéria a potencial diversidade e dinâmica desta tipologia de espaços privados e desejavelmente personalizáveis será, espera-se, ampliada e reconvertida.

Talvez que a principal função doméstica exercida no espaço privado seja o sono, o repouso e actividades associadas, ligado a quartos que incluam camas e ou sofás/camas, uma condição que faz desde logo relevar a questão

dimensional geral deste espaço, no qual a cama não deve integra-se de forma excessivamente ocupadora do espaço; caso contrário o quarto vai resumir-se a uma função de alcova, mas não dispendo das relações que, tradicionalmente, as alcovas proporcionam com espaços domésticos contíguos, sendo portanto uma espécie de alcova com eventuais caracterizações excessiva e negativamente encerradas e até, por vezes, ambientalmente negativas, se o volume de ar for reduzido e existir deficiente ventilação.

Numa outra perspectiva, embora ainda na faceta do conforto ambiental, é importante que os espaços domésticos mais privados sejam espaços caracterizadamente sossegados – relativamente isolados ou bem isoláveis do ruído exterior e doméstico – e dispendo de adequados elementos de controlo das respectivas condições de conforto ambiental, e designadamente da luz natural, proporcionando-se adequadas condições para o solo e o repouso sempre que estas sejam desejadas; são, portanto, os espaços domésticos mais sensíveis em termos de conforto ambiental global e nesta sensibilidade deverá entrar a questão da sua orientação preferencial relativamente ao movimento aparente do Sol, sendo que, habitualmente, a orientação a Nascente poderá proporcionar uma agradável harmonização com os ciclos naturais do homem em termos de despertar e adormecer.

Um outro aspecto que é determinante no desenvolvimento dos espaços domésticos expressivamente privados e ligados a uma pessoa ou a um casal, é a sua capacidade para poder ser fortemente apropriado por quem directamente o habita, uma qualidade que tem a ver com diversas variáveis entre as quais se destacam; a espaciosidade suplementar depois de instalada(s) a(s) cama(s) e tendo-se, razoavelmente, em conta o “sobredimensionamento” que hoje caracteriza algumas camas; a disponibilidade e a funcionalidade de espaços e equipamentos de arrumação, em elementos de mobiliário específicos e/ou em roupeiros embutidos; a disponibilidade de adequados e amplos panos de parede para encostar mobiliário e para pendurar quadros e espelhos; e a possibilidade de se desenvolverem outras pequenas áreas funcionais complementares ou enriquecedoras do espaço, como espaço de toucador e/ou

de escrivaninha e sítio para pequeno sofá, bem situados na proximidade de janela; e naturalmente a relação deste espaço com uma casa de banho privativa ou próxima – sendo ainda possível desenvolver outras enriquecedoras relações entre um espaço privativo basicamente centrado nas funções dormir, descansar, lazer e as micro-funções ligadas ao banho.

Naturalmente que tais possibilidades dependem muito da espaciosidade básica do espaço privativo/quarto em questão, mas há aqui dois aspectos que importa salientar: sendo um deles que é sempre desejável aliar outras micro-funções, realmente possíveis, à habitual função-base do dormir/descansar, e isto ainda que tais possibilidades sejam razoavelmente muito delimitadas (ex., uma pequena escrivaninha servindo também como apoio de cabeceira à cama), pois a multifuncionalidade enriquece o conteúdo e a imagem dos quartos; e que é interessante e talvez desejável que tenhamos em conta as metodologias de concepção dos bons quartos de hotel, quando pensamos nos quartos domésticos – sem dúvida que muito com eles aprenderemos, designadamente, nesta criação de micro-zonas funcionais adequadas, atraentes e mutuamente bem ligadas.

Hoje em dia considerar um quarto como espaço de lazer/trabalho em condições expressivas de privacidade é condição essencial que importa assegurar pois, cada vez mais, muito trabalho pode ser realizado à distância, mas devendo, sempre, associar-se a condições, pelo menos mínimas, de suporte do mesmo, seja em termos funcionais, seja em termos de resguardo da privacidade e de adequado conforto ambiental (ex., isolamento sonoro, iluminação natural, conforto higrotérmico, vistas agradáveis sobre o exterior). E, naturalmente, que tais condições também servem o lazer doméstico.

E deverá existir, sempre, um suplemento espacial que proporcione um “suplemento de convívio potencial”, sendo muito pouco agradável e “doméstico”, que, por exemplo, no quarto de um dado jovem não seja possível a recepção, ainda que em condições apenas mínimas e claramente informais, de outros dois ou três jovens.

Uma outra tendência que já não é nova, mas que parece avolumar-se, é o desenvolvimento de pequenos escritórios e outros espaços de trabalho profissional em casa, numa tendência que a vulgarização das videoconferências e dos apoios tecnológicos baratos e vários ao trabalho doméstico (ex., máquinas de impressão, *scanner* e fotocópia e mecanismos de autenticação de assinaturas) vai tornando mais efectiva; sendo realmente já possível para muitas profissões e metodologias de trabalho por objectivos que o tempo de trabalho individual possa ser realizado em casa.

Mas para tal há que proporcionar condições adequadas, que se sintetizam em três vertentes gerais: (i) adequada e estimulante espaciosidade e capacidade para integrar mobiliário e equipamento; (ii) muito adequadas e estimulantes condições de conforto ambiental e de relação com o exterior, pois podemos estar, aqui, a abordar períodos de trabalho muito alongados ; e (iii) estratégias capacidades para um funcionamento do espaço de trabalho de uma forma razoável ou totalmente autonomizada relativamente ao restante espaço doméstico – condição esta que está dependente da recepção corrente de pessoas estranhas ao agregado familiar (ex., clientes), e que pode ser matizada por estruturações gerais da habitação caracterizadamente adaptáveis a diversos tipos de ocupação espaço-funcional.

Naturalmente que este último tipo de espaços domésticos poderá existir de modo totalmente integrado com outras funções privadas, como o caso do dormir e do repouso pessoal, caso as condições dimensionais e ambientais do compartimento assim o proporcionem (ex., grande quarto com boas janelas) e, desejavelmente, através de um cuidado específico com o respectivo mobiliário e equipamento.



Fig. 02

Estivemos, aqui, dedicados a espaços específicos destinados a uma actividade de estudo e/ou trabalho com algumas exigências em termos espaciais e funcionais, mas no campo de uma adequada concepção doméstica importa considerar e assegurar que muitas das principais actividades domésticas, que são, globalmente, adstritas a um dado compartimento bem definido, serão melhor realizada, quando de certa forma repartidas ou disseminadas por conjuntos de sub-espços que podem ter exigências específicas de espaço, funcionalidade, conforto e ergonomia, caso se pretenda que estes sub-espços sejam bem e intensamente usados e as suas sub-actividades possam aí ser estimuladamente desempenhadas.

E para além de tais sub-espços mais correntes, haverá todo um leque de passatempos cujo exercício pode depender de espaços de apoio específicos, que não se compadeçam de uma integração limitada a uma zona de um dado móvel, mas sim a um dado móvel e eventuais outros equipamentos, agradavelmente integrados naquele espaço e/ou naquele recanto e/ou naquela passagem espaçosa; e tudo isto faz uma habitação mais apropriável, estimulante e realmente doméstica.

E, já agora, comenta-se que entre estes passatempos haverá alguns, tão diversos e interessantes, como é o caso da bibliofilia, da aquarofilia e da filatelia, que podem mesmo vir a assegurar um lugar de destaque num dado compartimento e mesmo numa dada habitação e para tal há que disponibilizar, sabiamente, espaços gerais, “espaços entre”, relações espaciais, paredes desafogadas, e dimensões estrategicamente desafogadas. E naturalmente que há espaços que têm de ter condições funcionais específicas, ainda que bem delimitadas, como é o caso de uma prática oficial intensa (ex., marcenaria ou metalomecânica).

Finalmente, nesta pequena viagem global pela matéria dos espaços domésticos privados e pessoais importa dar verdadeiro relevo a uma categoria que poderemos designar como “recantos vários”, uma tipologia espacial que muito se liga, que à prática de inúmeras actividades domésticas, quer à fundamental marcação de um dado espaço como mais ligado a uma dada pessoa ou a um pequeno grupo de pessoas (ex., um casal); e sendo esta, como tantas outras aqui referidas, muito associável a um adequado projecto de Arquitectura, pois um dado recanto tem de ser adequadamente projectado e não pode surgir como algo “a mais” ou “forçado”, aqui se deixa, apenas, a nota de que um recanto estimulante pode ser um nicho de cima a baixo para um móvel, ou pode ser o espaço no “interior” de uma *bay-window*, ou pode ser quase simulado com uma pequena gola de parede, sendo evidenciado cromaticamente; sublinhando-se, assim, a infindável diversidade de mais este elemento de arquitectura doméstica, mais um daqueles que fazem de uma

habitação um espaço único e que vale a pena e não mais uma “unidade” igual a milhares de outras.

Naturalmente que talvez o principal dos recantos seja aquele que designamos como “alcova” e que era tradicionalmente uma zona de dormir/descansar, desenvolvida na contiguidade de espaços maiores e conviviais; uma tradição muito antiga e, julga-se, muito praticada, diversamente, em várias sociedades e designadamente naquelas em que havia de assegurar adequadas condições de conforto ambiental, devido a críticas condições climáticas.

A tipologia da alcova é muito diversificada, podendo praticamente reduzir-se a um grande móvel/cama, ou desenvolver-se em recantos que integram sofás e sofás/camas, e foi descartada nas revisões higienistas do século XIX e nos regulamentos racionalistas do século XX, naturalmente, por se considerar que este tipo de soluções estava muito ligada a excessos de ocupação doméstica e a negativas condições de privacidade e salubridade. Hoje em dia talvez seja de rever a utilização da tipologia da alcova, mais no sentido de se proporcionar o seu uso no encontro a desejos e modos de vida doméstica específicos.

Como já, em parte se apontou, várias questões são fundamentais e devem ser adequadamente tratadas quando se pensa sobre a concepção de espaços domésticos mais privados e apropriáveis e nesta perspectiva importa aprofundar melhor, designadamente, os seguintes aspectos: a questão essencial da espaciosidade e da ergonomia de tais espaços, com relevo para as suas condições consideradas “mínimas”; a questão da relação com o exterior privado, nas quais importa atribuir um relevo muito especial ao projecto de pormenor de vãos exteriores com adequada aparência, adequada caracterização ambiental (isolamento/controlo) e adequadas vistas e linhas de vista sobre o exterior; a questão do convívio potencial que deve marcar mesmo estes espaços basicamente privados/sossegados; e a questão da existência de uma casa de banho privativa ou da sua estratégica proximidade e da sua adequada caracterização.

Um outro aspecto bem interessante e associado a estas matérias das relações visuais e da presença dos vãos exteriores que servem espaços domésticos mais privados e pessoais, tem a ver com a respectiva visualização exterior, que pode e deve integrar uma imagem de edifício multifamiliar que se caracterize, na sua presença pública, por uma diversidade de "pequenas imagens" que suscitem a identificação dos habitantes com as suas habitações e espaços privados que as compõem, através de uma judiciosa variação das fachadas; procura-se, assim, seja uma animação e uma atractividade melhoradas dessas fachadas, seja um certo sentido de que um multifamiliar, tal como a própria designação indica, é um conjunto ou agregação de "células unifamiliares" e que estas mesmas correspondam à agregação, entre outros (mais comuns) de espaços basicamente privados e bem apropriados.

Finalmente, aponta-se, aqui, apenas de forma muito geral, um caminho de reflexão sobre os espaços domésticos privados, que, só ele, corresponde a um rumo de urgente investigação: trata-se da ligação entre a caracterização dimensional, ambiental, funcional e pormenorizada, em termos de Arquitectura, de espaços domésticos privados e pessoais, do tipo quarto multifuncional e/ou pequeno apartamento T0 ou no máximo T2 (mas pequeno), mas sempre com apoio a cozinha relativamente limitado, e a respectiva integração em edifícios com um leque significativo de espaços e equipamentos comuns.

Esta é matéria específica que importa continuar a desenvolver em sede/artigos próprio(s), mas desde já se avança que ela terá sempre muito a ganhar com uma reflexão cruzada com o que se vai passando em novos e renovados estabelecimentos do tipo hoteleiro, em que se vão "manejando" múltiplas valências quantitativas e qualitativas, bem para lá de uma simples abordagem espaço-funcional – e apenas a título de exemplo regista-se uma nova "corrente" hoteleira em que os quartos, para lá de uma classificação de base como de casal ou duplos, são classificados como "pequeno", "médio", "XL" e "XXL", sendo que cada um deles tem um leque de sub-ambientes e de microfuncionalidades especificamente associado.

A título suplementar e numa perspectiva de “ponte” temática com a matéria, acima referida, de espaços privados, caracterizados por grandes quartos multifuncionais ou pequenos apartamentos com funcionalidades domésticas mínimas, porque associados em edifícios com leques variados de espaços, equipamentos e serviços comuns – matéria esta que será tratada no próximo novo artigo da Infohabitar – é interessante considerar que um adequado e maximizado desenvolvimento de espaços privados e apropriados no quadro de uma habitação corrente – embora tendencialmente bem desenvolvida – é uma qualidade que muito enriquece em termos funcionais e caracterizadores essa habitação (enquanto, necessariamente, quartos mínimos e mal caracterizados a empobrecem); de certa forma colando-se, positivamente, uma outra dimensão, muito privada, à dimensão doméstica e de grupo que caracteriza essa habitação (enriquecendo-se esta conjugação de leitura/vivência de ambientes e dimensões). De certa forma, e num sentido inverso, o excelente desenvolvimento de um leque (o mais possível amplo) de conjuntos de espaços privados, em micro-zonas funcionais de grandes quartos ou pequenos apartamentos, integrados em edifícios com valências comuns, enriquece tais soluções em termos globais, pois atribui-lhes, realmente, conteúdos domésticos bem vitalizados e viáveis – ao contrário de “soluções” que “encaixam” quartos quase mínimos e sem espaço para privacidade e apropriação, servidos por corredores apenas funcionais, que levam a espaços comuns, mas tantas vezes sem carácter e sem um ambiente atraente e envolvente/afectivo.

Edição original: segunda-feira, dezembro 04, 2017

<http://infohabitar.blogspot.pt/2017/12/espacos-domesticos-privados-infohabitar.html>

Editor: António Baptista Coelho

abc.infohabitar@gmail.com

abc@lnec.pt

Editado nas instalações do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do Departamento de Edifícios (DED) do LNEC; Infohabitar, Revista do GHabitar (GH) Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional – Associação com sede na Federação Nacional de Cooperativa de Habitação Económica (FENACHE).

Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais Norte.

Etiquetas/palavras chave:

apropriar a habitação , espaços domésticos privados , espaços privados , inovar nos quartos , novos espaços domésticos , novos espaços habitacionais , *novos quartos , quartos , zonas de quartos*

Nota: este artigo foi realizado no âmbito de um estudo mais amplo sobre a temática do "Habitar e Viver Melhor", uma designação que dá título a uma série editorial que tem vindo a ser editada, desde há bastante tempo, na revista/blog semanal Infohabitar; este artigo revisita a sua temática específica e nele são disponibilizados links para artigos já editados na Infohabitar sobre idênticas matérias.